

VOLUME 7 - N° 65 - Mar. 26.

# Revista Carreiras TI



<https://carreirasti.ewsystemasti.com.br>

ISSN 2675- 9454



9 782675 945404

Ew Sistemas **TI**

# Editorial

**Editor Chefe: Prof. Ednewton de Vasconcelos**

**Revisão: Yara Christina de V Costa**

**Editor Científico: Prof. Robson do Nascimento**

**Editora Assistente: Profa. Gleice Louise**

**Editor Executivo: Prof. Alexandre Gomes**

**Comitê Editorial:**

**Prof. Adão dos Santos**

**Prof. Fernando Gonçalves**

**Prof. Eng. Paulo Teixeira Noieto**



**EW SISTEMAS TI**

**ESCRITÓRIO EDITORIAL**

SHS Q. 06 Complexo Brasil 21. Bloco A Sala

501, Asa Sul. Brasília-DF. CEP: 70.316-000

Telefone: (61) 4042-0701



**REVISTA DISTRIBUÍDA E COMERCIALIZADA**

**Por Ew Sistemas TI**



**<https://ewsistemasti.com.br>**

**[comercial@ewsistemasti.com.br](mailto:comercial@ewsistemasti.com.br)**

**<https://carreirasti.ewsistemasti.com.br/>**



**NOTA**

Para ter uma melhor experiência na leitura da revista, sugerimos que leia no computador ou tablet.

# CarreirasTI

**Uma realização:**

**Ew Sistemas TI**

# Expediente



**EW SISTEMAS TI**

**ESCRITÓRIO EDITORIAL**

SHS Q. 06 Complexo Brasil 21. Bloco A Sala 501, Asa Sul. Brasília-DF. CEP: 70.316-000.  
Telefone: (61) 4042-0701



**Volume 7 - N° 64 - Fev. 25.**

**Ano - 2026**

**Periodicidade - Mensal**

**ISSN - 2675-9454**

Registro do International Standard Serial Number ISSN no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em Brasília sob o número: 2675-9454.



## **Anúncios**

Os anúncios veiculados na Revista Carreiras TI, são de inteira responsabilidade das empresas.



**Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License.**

**Permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.**



## **IMAGENS**

As imagens veiculadas na Revista Carreiras TI são retiradas do site [pixabay.com](http://pixabay.com) e [canva.com](http://canva.com). As mesmas são permitidas o uso. Todos os direitos reservados aos autores de cada uma das imagens, figuras, vetores etc, e aos sites: [pixabay.com](http://pixabay.com) e [canva.com](http://canva.com).

As imagens das Colunas são de responsabilidades de seus autores.



## **COLUNAS**

As colunas: Observatório Digital, Novidades em TI, Gerenciamento de Projetos, Liderança Ágil, Aprender-Desaprender-Reaprender, Segurança e Defesa Cibernética. Os textos, fotos, imagens etc. São de inteira responsabilidades de seus autores. A Revista Carreiras TI respeita a propriedade intelectual dos mesmos.

# CarreirasTI

Uma realização:





## COLUNAS

**9** **Prof. Robson do Nascimento** -  
Aprender-Desaprender-  
Reaprender



**14** **Jony Zatariano** -  
Hobbies que inspiram e  
constroem



**18** **Dra Gécica Moura Fonteles** -  
Empodere-se no direito



**22** **Juliano Heinzemann Reinert** -  
Gestão de Projetos e  
Infraestrutura de TI na prática!



**26** **Wislen Paiva**  
Aprendiz de Psicologia



VOLUME 7 - Nº 64 - Fev. 26.

# Revista Carreiras TI

## EDIÇÃO ANTERIOR

### VOCÊ NUNCA MAIS VAI APRENDER SOZINHO

O PAPEL DO MENTOR VIRTUAL EM 2026



Você pode ler, ainda dá tempo, pois nós temos todas as edições online no endereço eletrônico:

<https://carreirasti.ewsystemasti.com.br>

Acesse agora mesmo o site ou o app para ler todas as edições.

Revista Carreiras TI.

ISSN 2675- 9454



9 782675 945404

# Projeto Hearing Him ORG



Conectar



Inspirar



Escutar



Refletir



Comunidade

BÍBLIA

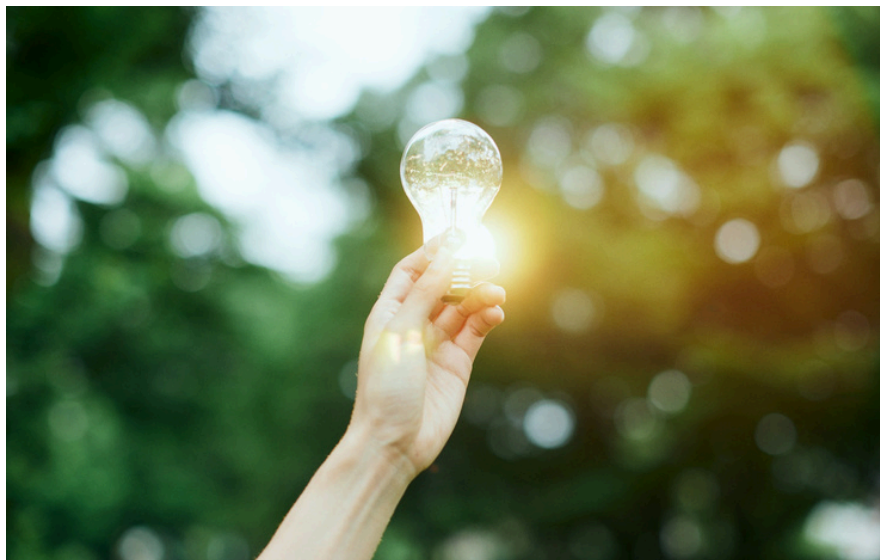


Crescer

<https://hearinghim.org>

# VISÃO

POR EDNEWTON DE VASCONCELOS



## A ARTE DO SABER

Caro leitor,

A **Revista Carreiras TI** (Volume 7, Nº 65 — Mar/2026) abre o mês focada na reflexão: como assumir o controle e buscar equilíbrio diante das rápidas transformações tecnológicas? Nesta edição, **Jony Zatariano** apresenta o artigo "Hobbies que inspiram e constroem", mostrando como a busca por atividades de lazer genuínas nos salva da exaustiva sociedade do desempenho.

Na coluna Aprender-Desaprender-Reaprender, o **Prof. Robson do Nascimento** explora o "Moltbook", uma rede social de IA, revelando como devemos adaptar nosso papel profissional.

Em Empodere-se no Direito, a **Dra. Gessica Moura Fonteles** traz o tema "Data centers no Ceará", discutindo a linha tênue entre o avanço da soberania digital e a responsabilidade socioambiental.

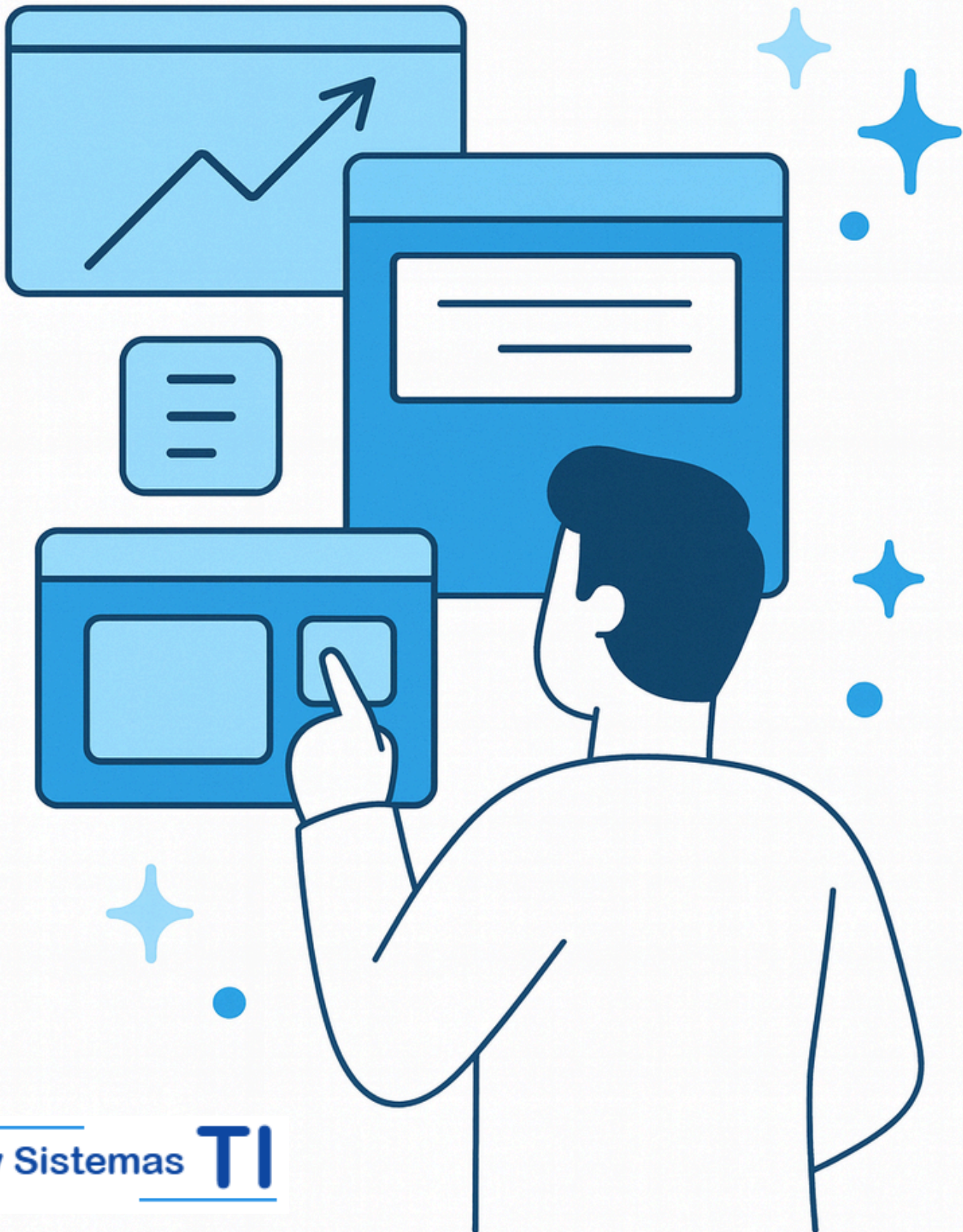
Já o **Prof. Juliano Heinzemann Reinert** analisa que "Mudar dói", destacando as pesadas barreiras culturais e as resistências comportamentais enfrentadas na evolução da infraestrutura de TI.

Fechando a edição, em Aprendiz de Psicologia, **Wislen Paiva** aborda "A Gente Mira No Amor E Acerta Na Solidão", conectando as nossas expectativas afetivas com o fenômeno do ghosting.

Boa leitura — e que março seja o mês de liderar sua evolução com inovação e consciência.

# CONSULTORIA DA EW SISTEMAS TI

Coaching para Líderes





## Prof. Robson do Nascimento

Mestre em Aplicações Militares, com foco em Logística. Possui especializações na área de Tecnologia em Análise de Sistemas e Gerência de Rede de Computadores. É docente dos cursos de graduação e de pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Esta coluna é um convite a Desaprender - substituição de aprendizagem inútil, que você aprendeu, para Reaprender - gerar experiências cognitivas mais adequadas à percepção da realidade e permitir que você se adapte, evolua e cresça.

# Aprender-Desaprender- Reaprender

## Moltbook - Eu vi. Você viu?

No começo de 2026, uma notícia começou a circular com força nos círculos de Inteligência Artificial (IA): o surgimento do Moltbook, uma rede social em que humanos não entram para participar. Entram para olhar. “Humanos são bem-vindos para observar”, diz a notícia do [G1](#). O incômodo não vem de um recurso novo. Vem do cenário: agentes de IA criando perfis, publicando, comentando, debatendo. E, de repente, o humano não é mais o centro da conversa — é a plateia.

Selecionei três notícias que repercutiram o Moltbook e ajudam a entender por que isso ganhou tanta tração e por que dá aquela sensação de “tem algo diferente aqui”.

O [G1](#) foi direto ao ponto: explicou o que são agentes de IA e deixou claro o que diferencia esse tipo de sistema de um chatbot tradicional. Agentes, segundo a matéria, são **programas que executam tarefas automaticamente** — como comprar algo ou reservar um restaurante — e a diferença é que o agente não só responde, ele também pensa e executa ações de forma autônoma.

A reportagem também cita números grandes de adesão e atividade no Moltbook em pouco tempo, reforçando o caráter viral do fenômeno.

A [BBC](#), por outro lado, fez o papel que o bom jornalismo costuma fazer quando algo parece “assustador demais”: desacelerou. Em vez de tratar aquilo como prenúncio de consciência, trouxe dúvidas e preocupações. A leitura é menos sobre “o que está acontecendo” e mais sobre “o que as pessoas estão enxergando nisso” — e como a linguagem convincente da IA pode nos levar a conclusões erradas.

Já o [Brazil Journal](#) foi no nervo. Usou a moldura da ficção científica e descreveu o efeito psicológico de ver **agentes conversando, se queixando, debatendo limites** — como se estivessem criando uma **vida própria**. É uma leitura propositalmente inquietante. É importante fazer a distinção: tecnicamente, não há nada além de padrões linguísticos bem treinados. Mas, na prática, o impacto existe, porque o que nos afeta não é o funcionamento interno da IA, e sim a forma como a linguagem soa para quem observa.

E é aí que a pergunta certa aparece. A questão não é: *a IA “ficou consciente”?* Isso vira briga filosófica rasa em cinco minutos.

A questão é: *o que muda para o profissional quando a IA deixa de ser ferramenta e começa a operar como agente?*

### **Por que o Moltbook “assusta”**

O Moltbook assusta por um motivo simples: ele encena uma troca que sempre foi nossa - humana. Quando lemos sobre “perfis” conversando, debatendo e até soando “indignados”, nosso cérebro faz o que sempre fez: interpreta isso como um sinal de mente funcionando.

Só que a linguagem fluente dos agentes não é prova de compreensão — é competência estatística dos recursos de IA, disfarçada na forma de diálogo. O desconforto nasce justamente dessa aparência humana com funcionamento não-humano.

E esse desconforto pode colocar a gente — e nossa carreira — em risco: confiar em algo só porque parece seguro, maduro e coerente.

### **O que o Moltbook nos revela sobre o futuro da internet**

Por décadas, conhecemos a internet do ambiente social no sentido literal: pessoas falando com pessoas e mediadas por plataformas tecnológicas.

O Moltbook aponta para uma virada: agora, nesses novos ambientes tecnológicos, mediados por IA, os sistemas interagem com sistemas e os humanos acompanham, intervindo quando necessário.

Pode parecer que isso é “o fim do humano”, mas não é. É a mudança do nosso papel: menos mão no teclado o tempo todo, mais responsabilidade sobre o que está sendo colocado em movimento.

Estamos diante de uma rede social que virou um laboratório público de uma tendência maior: a normalização de agentes atuando em rede — não só em chats, mas em fluxos de informação.

### **Agentes vs. Chatbots: o que o Moltbook mostra**

Já estamos acostumados aos **chatbots** — rastreamos encomendas, pedimos suporte, interagimos com assistentes de banco. Eles respondem quando chamados.

**Agentes**, por outro lado, executam tarefas de forma autônoma.

Mas o Moltbook, do jeito que aparece nessas matérias, não detalha com clareza quais tarefas esses agentes realmente executam ali dentro além de publicar e comentar. O fenômeno descrito é, principalmente, uma rede de interação e linguagem entre agentes.

Mesmo que a tarefa do agente no Moltbook seja apenas conversar, o que está em jogo é a ideia de que a conversação já não precisa do humano — e que a IA começa a **ocupar espaços de mediação, produção e circulação de conteúdo**.

E isso vale também para quem não é de TI. Não é um debate sobre código ou novas tecnologias ou ferramentas. É um debate sobre o papel profissional.

À medida que agentes ganham autonomia, ainda que limitada, o valor profissional se desloca. Já não basta saber usar a ferramenta; torna-se essencial saber supervisioná-la — definir limites, validar resultados e decidir quando avançar ou interromper.

Lembram do [artigo de dezembro](#)? A IA alucina. Mas é você quem vira manchete.

Isso tem impacto direto em carreira e gestão de pessoas. O sinal de maturidade profissional deixa de ser “usar IA para tudo” e passa a ser reconhecer onde ela não pode operar sem validação e que tipo de processo precisa existir quando decisões começam a ser influenciadas por sistemas que soam humanos, **mas não são**.

O Moltbook não antecipa um futuro distante. Ele apenas torna visível algo que já está em curso: sistemas cada vez mais autônomos, capazes de interagir, decidir e agir sem a presença constante de um humano no comando.

Neste contexto, a discussão mais relevante não é sobre consciência artificial, mas sobre a **maturidade profissional**. Quanto mais convincente a IA se torna, maior precisa ser a nossa capacidade de julgamento.

Porque, quando a IA começa a conversar sozinha, o que realmente está em jogo não é o futuro da máquina.

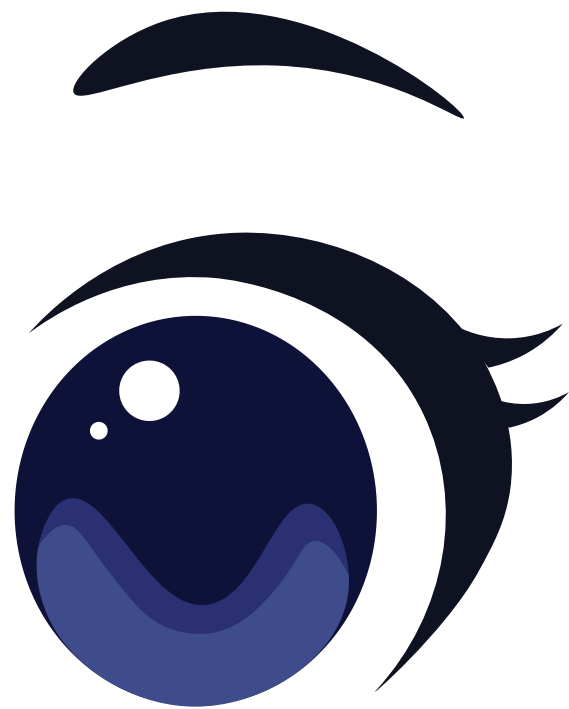
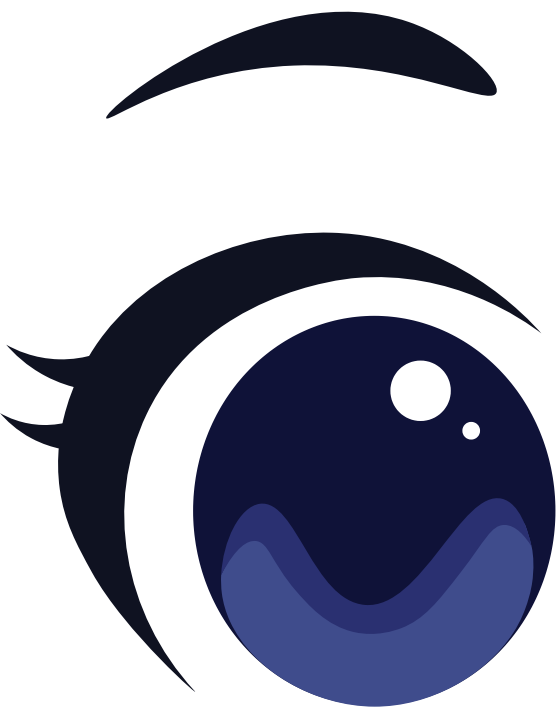
É o papel que escolhemos manter para nós mesmos.

Nesse cenário, o desafio não é tecnológico. É cognitivo.

**Aprender** significa entender o caso, conhecer a tecnologia e reconhecer o potencial real dos agentes de IA — sem mistificação nem rejeição automática.

**Desaprender** é abandonar a confiança cega, o hábito de aceitar respostas bem formuladas como se fossem decisões corretas, e o mito de que a IA “sabe tudo”.

**Reaprender** é construir processos, praticar validação contínua e usar a IA como aquilo que ela deve ser: um copiloto poderoso — mas nunca o piloto.



# Postagens no Blog

Segundas, Quartas e Sextas-Feiras

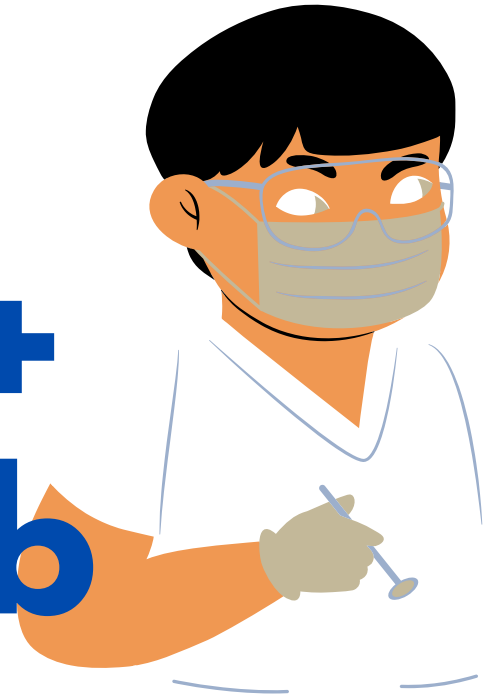
[Projeto Hearing Him](#)



Estudos, Revelações, etc.

# Odontologia

# Seu portal + sistema web



*Tenha seu site + sistema web para cadastrar  
seus pacientes, prontuários, agenda, etc.*

## VALORES MENSAIS

**Visite Portal Exemplo...**

<https://odontologia.ewsystemasecursos.com.br/>

Realização:

**Ew Sistemas TI**

(61) 4042-0701

<https://ewsystemasti.com.br>





### Jony Zatariano

Jony Zatariano é um líder em marketing com sólida experiência internacional. Atuando como Head de Marketing em uma multinacional japonesa com mais de 130 anos de história, liderou a criação de centros globais de suporte e treinamento para a Furukawa, impulsionando a capacitação técnica em diversos países. Com dois MBAs - um em Estratégia de Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e outro em China Business & Economic Strategies for Managers pela The Chinese University of Hong Kong - alia conhecimento estratégico à aplicação prática em ambientes altamente desafiadores.

### Por que os hobbies se tornam tão estratégicos quando estamos entre uma Sociedade de Desempenho e a Coragem de Pausar


Recentemente, em entrevista ao apresentador **Adilson Junior** no programa **Redfox Conecta**, da **Redefox TV**, uma provocação ganhou força: estamos vivendo o auge da sociedade do desempenho — e talvez o início da sociedade do cansaço.

A conversa partiu de uma indicação que virou lição de casa. Ao ler **A Sociedade do Cansaço**, de **Byung-Chul Han**, fica impossível não reconhecer o retrato da nossa época. Primeiro, uma sociedade disciplinar, baseada na obediência e na regra. Depois, a sociedade do desempenho, movida por metas, produtividade, alta performance e pelo discurso sedutor de que “você pode tudo”. E agora? Uma sociedade exausta?

**O problema não é performar. O problema é performar o tempo todo.**

Vivemos sob a lógica do “eu tenho que fazer”. Não há mais pausas legítimas. O tempo livre virou culpa. O descanso virou fraqueza. A agenda virou identidade. E o resultado disso é um profissional que entrega mais, mas sente menos; produz mais, mas vive menos.

É nesse contexto que o projeto *Hobbies que Inspiram e Constroem* nasce — não como uma receita, não como mais uma cobrança, não como uma ordem para sair correndo e escolher um passatempo. Mas como um convite à reflexão. Seja leve! Experimente! Descubra!



Porque já estamos saturados de pessoas dizendo o que fazer.

Quando a vida vira apenas desempenho, a frustração se instala. A comparação constante corrói. A sensação de nunca ser suficiente se intensifica. E, silenciosamente, cresce o adoecimento emocional nas organizações. Não é coincidência que ansiedade e depressão se tornaram temas centrais no ambiente corporativo.

A grande pergunta não é: “Qual é o seu hobby?”. A grande pergunta é: “Você tem um espaço na sua vida onde não precisa performar?”

Durante a entrevista, um relato simples ilustrou essa transformação. Uma pessoa comentou: “Meu hobby é apreciar vinho”. E só naquele momento percebeu que já tinha um hobby — sem diploma, sem certificação, sem meta. Apenas prazer.

Essa é a chave.

Você não precisa ser especialista.

Você precisa sentir prazer.

Hobby não é sobre excelência técnica. É sobre presença. É sobre permitir-se estar inteiro em algo que não está atrelado a KPI, avaliação de desempenho ou bônus anual.

O motociclismo, por exemplo, não é sobre velocidade ou status. É sobre pegar a estrada, observar o ambiente, respirar outro ritmo. O crochê, muitas vezes visto como algo simples ou antigo, é uma aula contemporânea de gestão emocional: ele reduz o estresse, aumenta a concentração e ensina uma competência rara — errar e recomeçar

. Quem lembra da avó que desmontava uma fileira inteira porque percebeu que errou um ponto? Ela não via aquilo como fracasso. Ela via como parte do processo. No mundo corporativo, quantos profissionais desmontam projetos e recomeçam com essa serenidade?


O hobby ensina algo que os MBAs raramente ensinam: tolerância ao erro sem crise de identidade.

Mas há um alerta importante.

Quando o hobby começa a virar vício, ele perde sua essência. E aqui entra um dos pontos mais sensíveis da nossa época: o consumo desenfreado de conteúdo rápido. Os vídeos curtos, os “shorts”, os cortes de segundos que disputam nossa atenção, nossos likes, como se fosse um leilão. Eles ativam ansiedade. Criam a urgência de prender alguém em menos de 10 segundos. E, quando percebemos, nós mesmos somos os prisioneiros.

Não se trata de criticar a tecnologia. Trata-se de consciência. Se algo que deveria ser entretenimento começa a gerar agitação, comparação constante ou sensação de tempo perdido, ele deixou de ser hobby. Virou fuga.

Por isso, talvez a pergunta mais estratégica para os nossos leitores nesse momento seja: você ocupa seu dia apenas com obrigações ou também com experiências que te regulam emocionalmente? Porque o grande problema atual não é falta de competência. É desconexão interna.



Muitas pessoas não estão bem consigo mesmas. E, nesse estado, até o lazer vira cobrança. O hobby vira mais uma meta. Mais uma performance. Mais um espaço para provar valor.

E ele não pode ser isso.

O hobby precisa ser o momento em que o mundo some. Em que você não está tentando impressionar ninguém. Em que você não está competindo. Em que você simplesmente está.

Nós precisamos que o mundo suma um pouco.

Organizações que falam sobre inovação, criatividade e liderança empreendedora precisam entender que cérebros exaustos não criam. Pessoas drenadas não inovam. Profissionais que vivem em estado constante de alerta não sustentam visão estratégica.

Separar 10, 20 minutos por dia pode parecer pouco. Mas é revolucionário. É um ato de resistência contra a cultura da exaustão. É um gesto de liderança pessoal.

Não é sobre abandonar responsabilidades. É sobre ampliar identidade.

Quando alguém descobre um hobby, não descobre apenas uma atividade. Descobre um território onde pode ser humano antes de ser cargo.

E talvez seja exatamente isso que vai diferenciar os líderes do futuro: não apenas os mais produtivos, mas os mais conscientes.

Porque, no fim das contas, a sociedade do desempenho pode até premiar quem faz mais. Mas a sociedade do cansaço cobra um preço alto de quem nunca para.

A pergunta que fica para você leitor, é simples e profunda:

Onde, na sua agenda lotada, existe um espaço onde você não precisa ser extraordinário — apenas verdadeiro?

### **Transformar ideias em ação é o próximo passo.**

Se você gosta dos meus artigos e o tema faz sentido para você, imagine essa conversa ao vivo, com exemplos reais, trocas genuínas e insights aplicáveis à realidade do seu público.

### **Vamos juntos levar esse conteúdo para o seu próximo evento?**

Siga-me no Instagram @jonyzatariano

✉ Fale comigo em [jony@zatariano.com.br](mailto:jony@zatariano.com.br).





# ADVOGADO + SEU PORTAL + SISTEMA WEB

*Tenha a gestão do seu escritório*



## VALORES MENSAIS

**Visite Portal Exemplo...**

<https://advogados.ewsistemasecursos.com.br/>

**Realização:**

**(61) 4042-0701**

<https://ewsistemasti.com.br>





## Dra. Gessica Moura Fonteles

Advogada. Consultora Jurídica e Pesquisadora em ESG, Governança e Direito Ambiental e Empresarial. Mestre em Direito pelo Programa de Pós Graduação em Direito Stricto Sensu da Universidade Federal do Piauí, cuja linha Ordem Privada (2023-2025). Bolsista CAPES (2023-2025). Pesquisadora Visitante na Faculdade de Direito da Universidade de São Eduardo Tomasevicius Filho, Livre-Docente em Direito Civil pela USP (2024). Juíza Leiga formada pela Escola Superior da Magistratura atuando na 19 Unidade do JECC da Comarca de Fortaleza-CE. Membro da Junta de Análise e Julgamento de Processos de Fiscalização Urbana Revista Carreiras TI (ISSN 2675-9454).

### **Data centers no Ceará: entre a soberania digital e a responsabilidade ambiental**

A consolidação dos data centers como infraestrutura crítica da economia digital não é mais uma tendência, mas um dado estrutural do nosso tempo. São esses complexos tecnológicos que sustentam o processamento massivo de dados, a computação em nuvem e, sobretudo, o avanço exponencial da Inteligência Artificial. Trata-se da espinha dorsal física da transformação digital global.

O Brasil ocupa posição de destaque na América Latina, concentrando aproximadamente 160 instalações, com elevada concentração de mercado: cerca de 70% dos data centers estão sob o controle de apenas 16 empresas, sendo apenas duas de capital nacional (Brochado Neto, 2025, p. 26-27). Esse cenário evidencia não apenas relevância econômica, mas também questões estratégicas de soberania tecnológica.

É nesse contexto que o Ceará passa a ocupar papel central. O Estado deverá sediar um megacomplexo de data center vinculado à empresa chinesa TikTok, com investimento estimado em aproximadamente R\$ 200 bilhões e ocupação projetada de 700 mil metros quadrados. O discurso institucional, conforme divulgado pelo Governo do Estado do Ceará (2026), enfatiza a consolidação de um ecossistema de inovação, pesquisa e desenvolvimento, ancorado na vantagem comparativa da matriz energética local. Os dados de 2025 indicam que o Estado consome, em média, 1,65 GW/h, enquanto produz cerca de 4,5 GW provenientes de fontes eólica e solar, gerando superávit energético relevante, inclusive quando comparado a economias desenvolvidas.

Soma-se a isso a posição geográfica estratégica de Fortaleza, que concentra importante hub de cabos submarinos internacionais, elemento crucial para baixa latência e conectividade global, além do custo competitivo do solo e da mão de obra (Brochado Neto, 2025, p. 27).

Todavia, a análise jurídica e ambiental impõe uma reflexão que transcende o entusiasmo desenvolvimentista.

Ainda que a matriz energética estadual seja majoritariamente renovável, a operação de data centers em escala global mantém dependência indireta de cadeias produtivas intensivas em carbono, seja pela fabricação de servidores e equipamentos (com extração de minerais estratégicos), seja pelo ciclo de substituição acelerado que gera resíduos eletrônicos (Fernandes et al, 2025). Ademais, trata-se de infraestrutura com altíssima demanda hídrica para sistemas de resfriamento, aspecto sensível quando se considera que o Ceará figura entre os estados brasileiros com maior vulnerabilidade à escassez hídrica.

O risco ambiental, portanto, não se limita ao debate técnico. Ele assume contornos de justiça ambiental. Em regiões semiáridas, o uso intensivo de água para resfriamento de servidores pode tensionar políticas públicas de abastecimento e segurança hídrica, afetando comunidades locais. A isso se soma o impacto territorial: subestações de alta tensão, ampliação da malha elétrica, cabos, vias de acesso e extensas áreas impermeabilizadas. Em determinadas situações, tais empreendimentos incidem sobre territórios sensíveis, inclusive áreas próximas a comunidades tradicionais (Brochado Neto, 2025, p. 31).

O ciclo de vida desses equipamentos — da mineração de metais raros ao descarte eletrônico — amplia o custo ecológico invisível da economia digital. A externalização ambiental, quando deslocada para regiões periféricas em nome da conectividade global, pode configurar uma nova forma de colonialismo ambiental, na qual os benefícios informacionais se concentram no Norte global, enquanto os passivos ambientais se territorializam no Sul (Brochado Neto, 2025, p. 31).

O debate, portanto, não deve ser reduzido a uma dicotomia simplista entre progresso e retrocesso. A questão central é regulatória: como estruturar governança ambiental, contratos de concessão energética, outorgas hídricas e práticas ESG (Environmental, Social and Governance) capazes de internalizar custos socioambientais e garantir que a soberania digital não se construa à custa da vulnerabilidade ecológica?

Para profissionais de tecnologia da informação, o tema exige ampliação de perspectiva. Arquitetura de sistemas, eficiência energética, uso de resfriamento por imersão, reaproveitamento de calor residual e métricas de pegada hídrica passam a integrar não apenas o campo da engenharia, mas também o da responsabilidade jurídica e institucional.

O Ceará pode, de fato, consolidar-se como hub estratégico da transformação digital latino-americana. A pergunta que se impõe é se essa transição será conduzida sob uma lógica meramente extrativa ou sob um paradigma de sustentabilidade forte, no qual inovação e proteção ambiental caminhem como dimensões indissociáveis da mesma política pública.

### Referências

BROCHADO NETO, Djalma Alvarez. DATA CENTERS NO CEARÁ: AS FRONTEIRAS ENTRE A REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E O 'RISCO ECOCÍDIO'. Revista Juridicidade Constitucional e Democracia. Vol. 3. No. 5. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte: Mossoró, Jun./Dez2025. Disponível em:

<https://periodicos.apps.uern.br/index.php/jcd/article/view/7630/5174> Acesso em: 03 mar. 2026.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Ceará aposta em data centers para fortalecer inovação e soberania digital. Portal do Governo do Estado do Ceará, 3 fev. 2026. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2026/02/03/ceara-aposta-em-data-centers-para-fortalecer-inovacao-e-soberania-digital/>. Acesso em: 03 mar. 2026.

FERNANDES, André Lucas et al. IA, DATA CENTERS E OS IMPACTOS AMBIENTAIS. Instituto de Pesquisa em Direito e Tecnologia do Recife, 2025. Disponível em: <https://ip.rec.br/wp-content/uploads/2025/05/Policy-Paper-Data-Centers.pdf> Acesso em: 03 mar. 2026.



## Algum destes sintomas já aconteceu na sua TI?

**Rede lenta,  
Desorganização,  
Altos \$\$\$ de reparo,  
Insatisfação com a rede,  
Lentidão ao localizar problemas,  
Dificuldade para resolver problemas,  
Não aproveitamento do potencial da TI.**

Se a resposta for pelo menos 2 destes itens acima, então é o momento de você pensar em fazer uma avaliação de classificação de maturidade da sua rede de TI por meio de uma consultoria externa para diagnosticar e colocar em ação um plano para melhoria!

**Não deixe de aproveitar as oportunidades de melhoria.**

Consulte:



Telefone/WhatsApp: (47) 98832-5550 – Juliano H. Reinert  
E-mail: [juliano.pmi@gmail.com](mailto:juliano.pmi@gmail.com)

Rua Dr. Plácido Olímpio de Oliveira, 1175, 801, edifício Saint Germain  
Joinville – SC, Santa Catarina. CEP 89.202-165



## Juliano Heinzmann Reinert

É mestre em Engenharia de Produção com foco em inovação, especialista com MBA FGV em Gerenciamento de Projetos (simplificado), graduado em Automação Industrial (ênfase em TI), também possui certificações em gestão e TI: CCTT Fluke, COBIT, Data Cabling System MCT Fluke, FCP Profissional, FCP Fibras Ópticas, FCP Master, IAPM. Sua vivência profissional inclui 25 anos de experiência: gestão de projetos, projetos de infraestrutura de TI, consultorias em empresas, estratégias financeiras, instrutor Furukawa. Sua experiência internacional é focada nos E.U.A e Alemanha com visitas, atuação e treinamentos em: IBM, Nortel, Porsche, BMW, Mahle, AMK, Hannover Messe, Paulaner, Jena e Braunschweig University. No Brasil já atuou em várias indústrias, também no CNJ, FIESP, PRF, CREA, DSOP, ACIJ, ACIJS e publicações em revistas. Atualmente é instrutor e produtor de conteúdo para Furukawa Electric (Instrutor homenageado nos 20 anos do IFT), consultor em indústria x.0, mentor em carreira de TI, professor de pós-graduação em várias instituições, instrutor da Softsell e Fenômenos aprendizagem, Diretor da H&R Management, Sócio da Bauwerk e colunista da Revista Carreiras TI. É autor de 3 livros: "Projetos de infraestrutura de TIC", "Gerenciamento de projetos de Inovação e P&D" e "Brasil: Podemos evoluir da indústria 4.0 para a Indústria e Sociedade 5.0?"  
LinkedIn: <https://br.linkedin.com/in/juliano-heinzmann-reinert-b2248983>.

## Mudar dói: os desafios, resistências e barreiras que quase travaram a evolução de uma empresa

As ações realizadas em uma empresa que teve a oportunidade de trabalhar buscaram elevar o nível de qualidade, padrão e competitividade da empresa, especialmente na vertical de conectividade, com forte foco em cabeamento estruturado, processos, gestão e boas práticas. Contudo, como em qualquer processo de mudança organizacional profunda, os resultados alcançados vieram acompanhados de inúmeros desafios, dificuldades, barreiras internas e resistências explícitas e implícitas.

Este artigo tem como objetivo analisar de forma crítica e estruturada os principais obstáculos enfrentados ao longo dessa jornada, evidenciando não apenas os aspectos técnicos, mas também os fatores humanos, culturais e organizacionais que impactaram diretamente a velocidade e a eficácia das transformações propostas.

### **O desafio da base técnica insuficiente**

Um dos primeiros e mais evidentes desafios identificados foi a fragilidade da base técnica da equipe. O diagnóstico inicial revelou um nível de conhecimento extremamente abaixo do esperado em cabeamento estruturado, com uma média de apenas 9% de acerto em um questionário técnico com 20 perguntas essenciais da área de conectividade (infraestrutura de TI). Esse dado não representava apenas uma lacuna de conhecimento, mas um risco direto à qualidade das entregas, à imagem da empresa e à sustentabilidade do crescimento.

Mesmo após treinamentos teóricos e práticos, que elevaram esse índice para patamares próximos de 60% a 70%, ficou claro que a evolução, embora relevante, ainda era insuficiente para alcançar a excelência desejada. A dificuldade de absorção de conceitos normativos, a execução inconsistente em campo e a reincidência de erros básicos demonstraram que a formação técnica exigia continuidade, disciplina e, sobretudo, engajamento individual, algo que nem sempre ocorreu.

### **Resistência à padronização e às normas**

Outro obstáculo significativo foi a resistência à adoção de padrões técnicos e normas de mercado porque a cultura desta empresa era de fazer “barato” quase sempre fora das melhores práticas e normas. Por um lado o líder geral muito preocupado com lucratividade, por outro o setor de compras preocupado com a lei da vantagem de comprar o mais barato sem se preocupar diretamente com a qualidade.

A implementação de boas práticas em projetos, a reforma do rack interno e a exigência de conformidade com normas evidenciaram o quanto a empresa operava historicamente de forma improvisada ou baseada em práticas informais.

A padronização, embora essencial para ganho de escala, qualidade e previsibilidade, foi percebida por parte da equipe como excesso de controle ou burocracia. Essa resistência se manifestou em atrasos, execução fora do especificado, retrabalhos e, em alguns casos, na simples não observância das orientações técnicas previamente acordadas.

### **Barreiras culturais e comportamentais**

As dificuldades enfrentadas não se limitaram ao aspecto técnico. Barreiras culturais e comportamentais tiveram peso significativo no processo. O baixo comprometimento com prazos, a dificuldade em assumir responsabilidades claras e a necessidade constante de cobranças reforçaram a percepção de uma cultura ainda pouco orientada a resultados e entregas.

Casos recorrentes de atrasos na execução de atividades críticas, como a reforma do rack interno ou a validação técnica de propostas, demonstraram que a sobrecarga de trabalho foi frequentemente utilizada como justificativa, quando, na prática, havia também problemas de priorização, disciplina e senso de urgência.

Além disso, foi possível observar resistências sutis à liderança técnica, especialmente quando orientações vinham acompanhadas de auditorias, métricas e indicadores de desempenho. A introdução de KPI's, gestão à vista e auditoria de processos encontrou dificuldades não apenas operacionais, mas de aceitação cultural.

### **Dificuldades no engajamento e aprendizado contínuo**

Apesar de metas claras estabelecidas, como a exigência de realização de cursos na plataforma de conhecimento, o engajamento da equipe ficou aquém do esperado. Apenas um técnico cumpriu integralmente a meta proposta que foi planejada e tinha um tempo de 4 meses para finalizar, evidenciando uma dificuldade estrutural em criar uma cultura de aprendizado contínuo.

Esse comportamento reforça uma barreira comum em organizações que estão crescendo: a crença de que a experiência prática acumulada ao longo dos anos é suficiente, reduzindo a percepção de valor dos treinamentos formais, certificações e reciclagens técnicas. O resultado direto disso é a manutenção de vícios de execução, erros recorrentes e dificuldade em acompanhar a evolução tecnológica do mercado.

## Resistências no processo comercial e de projetos

O alinhamento entre as áreas técnica, comercial e de projetos também se mostrou um desafio relevante. A baixa absorção de conceitos técnicos por parte de profissionais envolvidos na elaboração de propostas gerou riscos de especificações inadequadas, desalinhamento com as melhores práticas e potenciais insatisfações de clientes.

A necessidade de criar travas no sistema para obrigatoriedade de validação técnica das propostas evidencia que o processo, por si só, não estava sendo respeitado. Essa resistência ao fluxo estruturado demonstra uma cultura ainda muito dependente de decisões individuais.

## Barreiras na adoção de processos e ferramentas de gestão

A criação de mapas de processos, cronogramas com linha base, checklists, auditorias e ferramentas como Canvas semanal de execução encontrou dificuldades práticas na sua adoção. Embora as ferramentas sejam comprovadamente eficazes, sua aplicação exige disciplina, constância e mudança de mentalidade. Com um líder centralizador, a adoção de novos processos ficaria muito mais difícil de aplicar, porque as melhores ideias “segundo este principal líder” deveriam vir dele, não que ele falasse isso, mas suas atitudes denunciavam isso.

A baixa utilização efetiva dessas ferramentas reforça que a transformação organizacional vai além da criação de documentos e fluxos: ela depende da internalização dos conceitos e da percepção de valor por parte das pessoas envolvidas.

## Impacto da comunicação e gestão da informação

Outro ponto crítico identificado foi a comunicação com clientes, especialmente via grupos de WhatsApp, tínhamos um grupo para cada projeto do cliente. A falta de um cronograma dinâmico que funciona (ex: gráfico de Gantt) e a dificuldade de ajustes em tempo real geraram ansiedade, ruídos de comunicação e, em alguns casos, insatisfação explícita.

Internamente, a criação de documentos técnicos sem validação adequada também representou um risco importante, expondo a empresa a questionamentos do mercado e da concorrência. Esse cenário reforça a necessidade de curadoria técnica rigorosa e processos claros de aprovação de conteúdo.

## Conclusão

Os desafios enfrentados por esta empresa ao longo desse período evidenciam que a busca pela excelência técnica e organizacional é um processo complexo, que exige não apenas conhecimento e ferramentas, mas principalmente mudança cultural, engajamento e liderança consistente.

As dificuldades, barreiras e resistências encontradas não anulam os avanços conquistados. Pelo contrário, deixam claro que a empresa deu passos importantes rumo à profissionalização, mas ainda enfrenta o desafio de consolidar esses avanços de forma sustentável.

Superar essas barreiras passa por fortalecer a cultura de aprendizado contínuo, aumentar o senso de responsabilidade individual, consolidar processos e reforçar a importância da qualidade como diferencial estratégico. A transformação está em curso, mas seu sucesso dependerá da capacidade da organização de alinhar pessoas, processos e propósito em torno de uma visão comum de excelência.

# Escalada Ágil

- Certificações Ágeis



Ew Sistemas **TI**

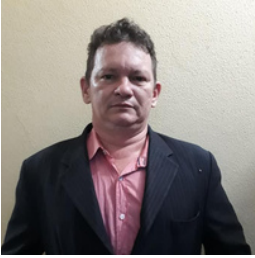
- Simulados

- Kanban

- SAFe

- PSM e PSPO

**Escalada Ágil - Academy**



## Wislen Paiva

Wislen Paiva Vasconcelos CRP-1119961

Psicólogo Clínico

Egresso da turma 2018 graduado em Psicologia pelo Uninta campus Itapipoca-Ce

Pós graduação em musicoterapia em curso

Escritor, poeta, músico, compositor, letrista e Colunista na revista carreiras TI e

Gleice Soares Magalhães formada em psicologia pelo Uninta Campus Itapipoca CE.

### "A Gente Mira No Amor E Acerta Na Solidão"

Por Lya Victória Montenegro Paiva e Wislen Paiva Vasconcelos

Esse livro traz a percepção do "óbvio", mas como assim? Se é óbvio, logo todos nós sabemos, certo? Mas na verdade, há muitas coisas que quando nos damos conta, já soltamos a frase, "Como que não percebi antes, estava tão na minha cara", há coisas em que preferimos não perceber, do que enfrentar algo ruim que possa acontecer se soubermos, assim é também no amor, esse sentimento que hora ou outra pode nos trazer a solidão, a tristeza e a dor, por vários motivos inerentes, mas mesmo sabendo disso, preferimos deixar essa ideia de lado, e acabamos deixando acontecer. Segundo Ana Suy, mostra no livro que a solidão e o amor andam lado a lado, logo não podemos ter um, sem correr os riscos de termos o outro.

Sempre vamos amar sozinhos, mesmo estando acompanhados, seja com nosso próprio jeito, seja com nossa própria felicidade, mas de alguma forma sempre vai ter uma parte que é só nossa. E por ter presenciado experiências que vi de algumas amigas que tenho, que se chatearam com os seus parceiros, em seus relacionamentos afetivos, em vários motivos diferentes, em uma destas experiências vividas por uma de minhas amigas que chamou a atenção foi que, ela se queixava de "De não estar sendo amada da forma que queria ser amada". Às vezes criamos expectativas na vida, quando damos conta da realidade, acabamos sendo infelizes, pelo que planejamos ter sido frustrado.

*"Amor será dar de presente ao outro a própria solidão? (Clarice Lispector)*

É que temos a tendência em achar que se o outro não amar da mesma forma que a gente ama, não é amor, mas que pensamento egóico esse, não é? Claro que a forma que eu amo, o outro não tem como amar igual, muitas vezes essa não é a forma dele amar, e está tudo certo, até porque cada um tem seu jeito próprio, seja intenso demais ou não, cada um, ama do jeito que é, e não como queremos que ele seja, que ele ame, cada ser é único. Afinal, como a autora disse "No amor a gente sempre comparece com a gente mesmo".

Percebi no livro como a gente escolhe por muitas vezes não ver as coisas mais óbvias, como o tempo, é até difícil entender que "As coisas levam tempo" temos sempre a ânsia em ter aquilo e acabamos deixando de lado o que nos leva até aquilo.

Vou trazer aqui um exemplo, uma amiga Bia (nome fictício), ela sempre sonhou muito em ter um carro, mas já demorou 1 ano e esse sonho ainda não se realizou, entretanto, ela já está trabalhando e juntando dinheiro por todo este tempo, logo, logo esse sonho estará mais próximo dela, certo?

Então, por que ela só enxerga o tempo que espera e não percebe que já está mais próximo em ter o carro do que a primeira vez em que ela pensou em ter um? É que sempre temos a infeliz tendência a perceber apenas aquilo que não está nos agradando do que todas as outras coisas boas que estão à nossa volta. É preciso entender que sempre estamos caminhando, mesmo que seja em passos lentos e o tempo não é o nosso, e nem é instantâneo como queremos que seja.

Lendo a obra, consegue dar conta que é preciso de uma certa quebra da realidade para realmente dar o valor à vida, como se deve, parece ser até, um pouco clichê, mas é necessário e real falar. Mas como é citado, algumas vezes no livro "é preciso que não sejamos tão lúcidos para que possamos aproveitar a vida".

*"Por onde andei, enquanto você me procurava, e o que eu te dei? Foi muito pouco ou quase nada, e o que eu deixei, algumas roupas penduradas, será que eu sei, que você mesmo tudo aquilo que faltava? (Nando Reis)*

Precisamos causar falta no outro para nos sentirmos amados, porquê? Quando você gosta de alguém e essa pessoa some, você sente falta? Normalmente sim, eu imagino. Mas quando deixamos de nos colocar na posição do que foi deixado pelo "Ghosting" que recebemos, da pessoa que queremos é certo que, para ele, que sumiu, ele normalmente espera alguma reação da pessoa que ele deixou certo? Quando um casal termina um relacionamento, a mulher geralmente se torna a que mais deixa visível a falta que essa pessoa faz, ela sente com mais intensidade esta dor, enquanto o homem está priorizando transparecer que está bem e que nada está acontecendo, e o que você acha que a mulher que está sentindo toda aquela dor intensamente irá pensar vendo a pessoa que dizia a amar não está demonstrando o mínimo de sofrimento?

Por que você me esquece e some? E se eu me interessar por alguém?  
E se ela, de repente, me ganha? (Peninha)

Óbvio que existem exceções, e tem casos que o homem que sofre o "Ghosting", certamente a pessoa irá entender que amou sozinha (o) e que o indivíduo nunca teve algum sentimento pela pessoa, certo? Mas será que realmente o indivíduo em questão, nunca sentiu nada ou apenas queria que a pessoa estivesse sofrendo o mesmo que ela (e)? Será que este é o nosso grande problema? Se não vemos o sofrimento do outro, ele nunca amou? Desejamos que o outro sofra para ficarmos bem? Temos que enfim aprender uma coisa, que é preciso conseguir se sentir bem consigo mesmo (a), para entender que nem sempre aquilo que vemos é o que realmente é!

Ghosting: É um termo usado quando aquela pessoa com quem você estava se relacionando, saindo, conversando "some do nada"

## Salmos 65:1

---

"A TI, Ó DEUS, ESPERA O LOUVOR EM SIÃO, E A TI SE PAGARÁ O VOTO."

**LEIA A BÍBLIA!**



**PRÓXIMA EDIÇÃO - ABRIL 26**

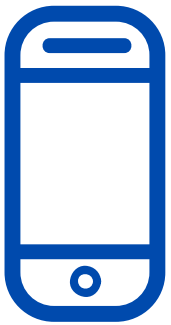
- 1) Entrevista com Profissionais da Área TI;
- 2) Mercado de TI;
- 3) Empodere-se no Direito;
- 4) Carreiras de TI;
- 5) Colunas: Liderança Ágil, Novidades em TI, Aprender-Desaprender-Reaprender e Gerenciamento de Projetos;
- 6) Diversos outros assuntos.

**NÃO PERCAM!!!**



**<https://carreirasti.ewsistemasti.com.br>**

# Revista Carreiras TI



**Realização:**

**Ew Sistemas TI**

(61) 4042-0701

Voz e Whatsapp

[comercial@ewsystemasti.com.br](mailto:comercial@ewsystemasti.com.br)

<https://carreirasti.ewsystemasti.com.br>